

Um problema epigráfico

No portal do templo românico do Salvador, em Coimbra, á direita de quem entra, vê-se um letreiro commemorativo da construcção do bello portico. É interessante, principalmente por accusar o anno em que se realizou aquella obra.

Está bem conservado; apenas uma falha occupa o lugar onde esteve a 1.^a letra da 2.^a linha.

Os caracteres são capitaes, com excepção de todos os MM e de dois EE, que são onciaes; os AA, com o traço da esquerda recurvado, apresentam caracteres mixtos, são de transição. Abundam em toda a inscripção as letras conjuntas.

Foi publicada esta legenda em *facsimiles* lithographicos no *Antiquario conimbricense*, n.º 7 (Janeiro de 1842), pag. 50, e mais perfeitamente nas *Reliquias da architectura romano-byzantina em Portugal e particularmente na cidade de Coimbra*, por Augusto Filippe Simões, Lisboa 1870, estampa IV.

Apesar de pouco extensa, e de serem em geral bem legiveis os caracteres, tem sido objecto de grandes hesitações por parte dos archeologos a sua leitura e interpretação.

Vejamos o que a tal respeito se tem publicado.

I. COELHO GASCO deixou-nos a seguinte leitura:

*Stephanus Martini sua sponte hanc portam fecit, et frontispicion. E. M. CC. VII. E. M.*¹

II. O P.^o MANUEL DA CRUZ PEREIRA COUTINHO, prior da Sé-velha, encostando-se em parte á auctoridade de Gasco, leu assim:

*Stephanus | martini. sua | sponte. fecit. hunc | portalem. et | fronte. era. millesima. ducentessima | septima. era. millesima.*²

III. Logo em seguida o mesmo PEREIRA COUTINHO corrigiu a sua primeira leitura³, affirmando que sem dúvida nenhuma na inscripção se encontram as letras—*Lest Front*, e não—*et fronte*: que portanto deve ler-se—*Lestis fronte*, e traduzir-se—*no frontespicio do Oriente*.

¹ *Conquista, antiguidade, e nobreza da mui insigne, e inclita cidade de Coimbra*, Lisboa 1807, pag. 20.

² *Antiquario conimbricense*, n.º cit., pag. 51.

³ *Ibid.*, n.º 8, pag. 64.

Mas, estando este portico voltado a occidente, aventou a hypothese de um outro, que em tempos estivesse a leste, d'onde mais tarde, tendo sido demolido, fosse transportada a inscripção com outras pedras para a fachada occidental, *por occasião de alguma reforma, que alli se fizesse.*

IV. O abbade de Lobjigos, MANUEL FULGENCIO GOMES, corrigiu as leituras do erudito Pereira Coutinho¹, affirmando, e com toda a razão, que naquella escriptura lapidar se lia claramente a palavra—*leta*, com todas as suas letras, onde primeiro se lêra—*et*, e em seguida—*lest*; e, applicando as expressões—*leta fronte* ao portico, entendeu que por ellas se indicava a bella apparencia do mesmo—(*com um legante frontespicio*).

Pereira Coutinho accceitou a leitura, mas não se satisfez com a justificação, appellando para a *impericia do artista*, que alteraria a verdadeira lição, quando gravou os caracteres².

V. O Dr. AUGUSTO PHILIPPE SIMÕES, observando mais detidamente a inscripção, e os caracteres architectonicos e decorativos do portico, deu por demonstrado que nenhuma relação havia entre este e a legenda, e adoptou a segunda leitura de Pereira Coutinho—*lestis fronte*³.

VI. Cinco annos depois o mesmo Dr. PHILIPPE SIMÕES, publicando em folheto uma conferencia realizada a 21 de fevereiro de 1874 no INSTITUTO DE COIMBRA, em nota final emenda a sua anterior leitura, perfilhando a de Fulgencio Gomes—*leta fronte*; mas, não lhe soando bem a interpretação por elle dada a estas expressões, remette o caso «aos latinistas, aos modernos Du Cange, onde os houver», e desde logo consigna alguns elementos, «que poderão servir a uma nova e necessaria interpretação»⁴.

*

A leitura da inscripção nenhuma dúvida pôde admittir, pelo que diz respeito ás palavras discutidas; as hesitações e contradicções dos abalizados mestres explicam-se.

¹ *Ibid.*, n.º 9, pag. 65.

² *Ibid.*

³ *Reliquias da architectura romano-byzantina*, já cit., pag. 14.

⁴ *Da architectura religiosa em Coimbra durante a idade média*, Coimbra, 1875.

Está bastante elevada a lápide, e sem o auxilio de uma escada não póde ler-se bem. Leram-na certamente em calcos mal tirados.

Gasco nem isso fez. Com a léviandade e pouco escrupulo, que manifesta em tudo o que escreveu, limitou-se a ler de longe, ou a mandar ler por qualquer inexperiente; d'ahi o grande disparate.

Querendo em seguida interpretar o que fôra lido, juntou ao primeiro disparate um outro ainda maior; affirma que é dupla a data expressa na lápide, pois consigna a era de Cesar 1207, e o anno de Christo 1000, que lhe corresponde¹! Diferença de 207 annos!!

O exame directo dá, sem vislumbres de hesitação, a seguinte leitura:

† S T E P H A N V S

m A R T I N I : S V A

S P O N T E : F E C I T : H V N C

P O R T A L E M : L E T A :

F R O N T E : E : M : C C :

V I I : E : (?)

A letra final (ou grupo de letras?) é que me não atrevo a ler por um M, como todos tem feito. Deixo-a de parte para novo exame.

*

Vamos á interpretação.

Philippe Simões² lembra, que—*leta* póde ser o *participio* (adj. verbal) do verbo obsoleto *leo* (> *deleo*); em tal caso deveria traduzir-se—*destruida a frontaria* (antiga).

¹ *Conquista, antiguidade, etc.*, pag. cit.

² *Da architectura religiosa, etc.*, pag. cit.

Não me parece racional esta resurreição extemporanea de um verbo latino, que deixara de se usar desde tempos muito anteriores aos classicos, e que agora apparece nesta inscripção sómente. Alem d'isso, em face desta interpretação, seria flagrante o despropósito de tal referencia.

Ainda lembra o mesmo auctor¹, que póde estar—*leta* por—*lita*, e que numa inscripção de Napoles, dos ultimos tempos do imperio romano, se encontra esta palavra *com applicação a uma parede rebocada ou alizada de novo*.

É certo que o verbo—*lino* tem significações que se afastam consideravelmente da primordial «ungir». Pintar um quadro, revestir as paredes de cal, encrustar um objecto de laminas de ouro, etc., tudo isso podia ser expresso pelo verbo *linere*. Mas é uma hypothese muito forçada, desnecessaria, e que suppõe um facto contrário a tudo quanto o exame directo nos diz. O portal não foi alli embutido num edificio preexistente, alizando-se ou retocando-se o resto da fachada; o portico surgiu com toda a fachada, de que faz parte, não é, não póde ser um simples enxerto.

A interpretação de Fulgencio Gomes é toleravel. Neste latim das inscripções medievas não são nunca para extranhar nem a impropriedade na escolha dos termos, nem a falta de correcção grammatical.

Mas que necessidade ha de appellar para a incapacidade do auctor, quando a legenda tem uma interpretação muito natural e perfeitamente correcta? Custa até a crer que não occorresse a nenhuma das pessoas que se tem esforçado por decifrá-la.

Estamos em face d'uma composição leonina muita curta. Contém dois versos apenas, regularmente feitos, devidamente rimados. Segue-se a data não obedecendo a nenhum preceito de metrificacão, o que é frequente.

*Stephanvs Martini, sva sponte,
Fecit hvnc portalem, laeta fronte.*

Era millesima ducesima septima, ...

—*Sva sponte*, como Alves de Sousa já tinha dito a Philippe Simões², póde muito bem significar—*por si só, sem auxilio d'outrem, á sua custa*.

¹ *Ibid.*

² *Ibid.*

—*Laeta fronte*— com o rosto alegre (expressão de pura latinidade, equivalente a—*cheio de satisfação*), refere-se evidentemente ao sujeito da proposição, não ao complemento directo do verbo, como se tem supposto.

Assim, a meu ver e salvo melhor juízo, o sentido da inscripção é este:

Estevão Martins, cheio de satisfação, fez este portico á sua custa, na era de 1207 (A. D. 1169).

ANTONIO DE VASCONCELLOS.

Museu Municipal de Braga

A Ex.^{ma} Camara Municipal de Braga resolveu criar um Museu naquella cidade. A este proposito publiquei na *Correspondencia do Norte*, de 27 de Fevereiro, a convite da illustrada redacção, o seguinte artigo:

«Por todas as razões Braga não póde deixar de ter um museu municipal, em que se recolham objectos archeologicos e de ethnographia moderna.

Cidade antiquissima, cuja origem se esvaece na noite dos tempos, capital de uma provincia de costumes tão caracteristicos e tão fixos, offerece sem dúvida ao investigador abundantissimos elementos de estudo, que de modo nenhum se devem perder.

Photographias de monumentos, como igrejas, castellos; reproduções de outros, como a célebre fonte preromana do *Quintal do Idolo*; lapides antiquissimas, que sem grande difficuldade se tirariam dos locais em que se acham, como as da *Quinta do Avellar*; os notabilissimos marcos miliarios do campo das Carvalheiras; moedas romanas e portuguezas que a cada passo se encontram; exemplares de ceramica antiga; armaduras, vestuarios, objectos de adorno, moveis, imagens: eis ahí tanta cousa, que logo de repente se obtem, e que dá para encher boa parte do museu, servindo juntamente de material scientifico e de decoração.

Isto, pelo que respeita á parte antiga; pelo que respeita á ethnographia moderna, a colheita é ainda mais facil. Nesta secção não se omittam os jugos e cangas dos bois, com ornatos tão variados, e que só no Minho se encontram; as louças phantasticas de Barcellos; as